

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

DESTAQUES IPADES

Abril, 2015

**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PARA JOVENS DO ENSINO
MÉDIO**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) é um programa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) cujo objetivo é contribuir para a formação de novos talentos em todas as áreas do conhecimento, através da concessão de cotas de bolsas de iniciação científica diretamente às Instituições de Ensino e Pesquisa.

O Instituto Florestal (IF) administra 20 bolsas concedidas a estudantes do Ensino Médio vinculados ao Programa de Jovens – Meio Ambiente e Integração Social (PJ-MAIS) dos municípios de Cajamar, Cubatão, Paraibuna e São Paulo (Parelheiros) através do projeto “Do laboratório para o mundo: a educação científica na construção do conhecimento de adolescentes e jovens do Ensino Médio”.

O Programa de iniciação científica para o Ensino Médio tem foco na criação de uma cultura científica. Visa contribuir para a formação de cidadãos plenos, conscientes e participativos, despertar a vocação científica e incentivar talentos potenciais mediante sua participação em atividades de educação científica e/ou tecnológica.

O PJ-MAIS é um projeto vinculado à Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo (RBCV). Visa ao treinamento ecoprofissional de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, ao fomento do ecomercado de trabalho e da geração de renda a populações, de modo a estimular a conservação ou recuperação do meio ambiente simultaneamente ao processo de inclusão socioeconômica.

Trata-se de um programa louvável e importante que está sendo desenvolvido na cidade de São Paulo. Um exemplo a ser conhecido e adaptado para outros municípios brasileiros. A conscientização a respeito do conhecimento científico e tecnológico despertado no jovem ainda no ensino médio, seu envolvimento com a metodologia científica muito contribuirá para formar a consciência crítica nessas novas gerações. É um passo a mais para a educação de qualidade que o país tanto precisa para poder competir no ranking das olimpíadas de ciência com os demais países.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

A língua portuguesa entra na história do Brasil com a carta de Pedro Álvares Cabral, em 1500, comunicando o feito da descoberta ao rei português D. Manoel. De lá até hoje muitas mudanças ocorreram na língua portuguesa no Brasil, principalmente pela influência das línguas indígenas, africanas e outras etnias. No entanto, o português brasileiro ainda não é uma língua autônoma: talvez seja – na previsão de especialistas, em cerca de 200 anos – quando acumular peculiaridades que nos impeçam de entender inteiramente a língua portuguesa de Portugal. Na contra mão dessa possibilidade tem-se cada vez mais a crescente comunicação on line o que põe em contato imediato as duas formas do português, no Brasil e em Portugal.

De acordo com estudos da Universidade de São Paulo (USP), uma inovação do português brasileiro, por enquanto sem equivalente em Portugal. É o R caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em porrrta ou carrrne.

Uma diferença entre a língua portuguesa em Portugal e no Brasil, mas que não impede o entendimento está na colocação do pronome, veja-se a seguinte frase: “o rapaz me vendeu o carro, depois ele saiu correndo e ao atravessar a rua ele foi atropelado”. No português brasileiro prefere-se explicitar os sujeitos na frase. A mesma frase dita em Portugal: “o rapaz vendeu-me o carro, depois saiu a correr, e ao atravessar a rua foi atropelado”. Aqui é mais natural omitir o sujeito, já definido pelo tempo verbal, o que não ocorre, por exemplo, com a língua inglesa, na qual se tem que usar o pronome visto que os tempos do verbo são iguais.

Outro detalhe diz respeito ao uso da mesóclise muito usada em Portugal: “dar-lhe-ei um carro com certeza”. No Brasil soa como uma frase pernóstica. Também há distância entre a língua falada e a escrita no Brasil. Ninguém fala muito, mas muinto. O

pronome você, que já é uma redução de vossa mercê e de vosmecê, encolheu ainda mais, pra cê, e grudou no verbo: cêvai?

O brasileiro conservou o ritmo da fala, enquanto os europeus começaram a falar mais rápido a partir do século XVIII, observa Ataliba Castilho, professor emérito da USP, que, nos últimos 40 anos, planejou e coordenou vários projetos de pesquisa sobre o português falado e a história do português do Brasil. Segundo o professor, até o século XVI, o português brasileiro e o europeu eram como o espanhol, com um corte silábico duro. A palavra falada era muito próxima da escrita. Célia Lopes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), acrescenta outra diferença: o português brasileiro conserva a maioria das vogais, enquanto os europeus em geral as omitem, ressaltando as consoantes.

Mais um sinal da evolução do português brasileiro são as construções híbridas, com um verbo que não concorda mais com o pronome, do tipo tu não sabe?, e a mistura dos pronomes de tratamento você e tu, como em “se você precisar, vou te ajudar” Os português europeus poderiam alegar que se trata de mais uma prova de nossa capacidade de desfigurar a língua lusitana, mas talvez não tenham tanta razão para se queixar. Célia Lopes encontrou a mistura de pronomes de tratamento, que ela e outros linguistas não consideram mais um erro, em cartas do marquês do Lavradio, que foi vice-rei do Brasil de 1769 a 1796, e, mais de dois séculos depois, em uma entrevista de ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

DESLOCAMENTO GEOLÓGICO DO NORDESTE

Medições com GPS (Global Position System) indicam que parte da Crosta do Nordeste brasileiro se desloca alguns milímetros por ano na direção noroeste. Essas medições são feitas pelas estações de recepção GPS em João Câmara, no Rio Grande do Norte e em Senador Pompeu, no Ceará.

Fragmentos que compõem um terço da crosta terrestre do Nordeste estão deslizando lentamente nas direções norte e oeste, a uma velocidade máxima de 5,6 milímetros ao ano. É o que afirma artigo científico publicado por pesquisadores brasileiros em março deste ano no Journal of South American Earth Science.

A movimentação de setores da Província Borborema nome dado pelos geólogos ao bloco rochoso que abrange cerca de 540 mil quilômetros quadrados e engloba grande

parte dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe – provoca sutis estiramentos e contrações em diferentes pontos da superfície e eleva o risco de ocorrência de tremores locais.

Mas segundo os pesquisadores não há motivo para alarme. O deslocamento de pedaços da província geológica, que concentra a maior parte das atividades tectônicas do país, é um fenômeno esperado. Seu ritmo de locomoção é relativamente modesto, cerca de 12 vezes menor do que o verificado na famosa falha geológica de San Andreas, perto do litoral da Califórnia, a região com maior risco de grandes terremotos nos Estados Unidos, e nove vezes menor do que a verificada em setores dos Andes, outra zona de fortes tremores de terra.

A Província Borborema dista milhares de quilômetros da zona de contato mais próxima entre duas placas tectônicas, a cordilheira submersa denominada dorsal mesoatlântica, que estabelece o limite entre a placa sul-americana e a placa africana, Ainda assim, esse pedaço do Nordeste sente os efeitos do distanciamento paulatino da placa sul-americana, que se move na direção oeste, em relação ao bloco rochoso que engloba a África.

A região vizinha, Senador Pompeu, falha que corta o interior do Ceará e chega à bacia Potiguar foi a que apresentou as maiores variações de deslocamento na direção noroeste, segundo os dados da rede GPS. Setores da bacia Potiguar, a meio caminho entre Natal e Fortaleza, deslocam-se 4 mm por ano na direção oeste e 4,1 mm por ano na direção norte dentro da placa sul-americana. A bacia apresenta tremores de terra de média intensidade, com magnitude de até 5,2 graus. É o que a imprensa tem registrado ultimamente.

CAUSAS DA DESACELERAÇÃO DO GOVERNO DILMA

A economia no governo Dilma sofreu desaceleração abrupta para menos da metade do ritmo anterior atingindo 1,6% na média, para piorar a situação, houve simultaneamente uma subestimação da inflação no período. As causas têm sido debatidas com intensidade pelos economistas. Eles se dividem em duas posições extremas: os que advogam causas que a freada é devida a razões externas; e os que veem causas internas basicamente ligadas a supostos erros de política econômica. O

certo é que os efeitos negativos se manifestam com intensidade crescente na economia e no desenvolvimento do país, agora em 2015.

Diversos estudos já foram realizados para tentar explicar a surpreendente desaceleração nos últimos anos não só do Brasil, mas também de outros países latino-americanos e emergentes. Os estudos mais recentes, com técnica de painel, indicam que aproximadamente 25% do efeito é interno, 25% é externo e 50% é um resíduo não explicável.

As causas são internas e externas, porém outros países que sofreram as crises externas não estão com os problemas que o Brasil enfrenta. As causas externas motivadas pela nova matriz econômica posta em prática nos últimos quatro anos tem peso específico e bem determinante nestas causas.

Corroborando esta linha de análise é a adoção pelo governo reeleito, de uma política econômica para 2015 diferente daquela anteriormente adotada e defendida pela candidata Dilma Rousseff na campanha presidencial de 2014.

O Brasil para manter um ritmo de crescimento econômico e de desenvolvimento tem que pautar a política econômica apoiada na teoria econômica. Esta, cada vez mais é fruto de estudos e pesquisas que analisam os fatos e as evidências da economia, e não a “boa intenção” da ideologia.